

ENTRE A ALMA E A CARNE: ESCRITURAS DO FEMININO EM SÃO BERNARDO DE GRACILIANO RAMOS

Alanny Paulo Ricardo de Almeida.¹

alanny.paulo@yahoo.com.br

Orientador: Iranilson Buriti de Oliveira²

Universidade Federal de Campina Grande

Introdução

Este trabalho coloca em discussão as fronteiras que perpassam a História e a Literatura, refletindo sobre a leitura histórica nos textos literários, buscando traços e indícios de sensibilidades e representatividades passadas. Propomo-nos a analisar as representações sobre o feminino na escritura gracilianista, destacando os discursos sobre o feminino emitidos pela personagem Paulo Honório do romance São Bernardo³.

O literato possui um acesso livre ao imaginário para compor seu enredo, mas esta liberdade esbarra nos lugares de enunciação que o escritor ocupa, suas instituições, fatores pessoais brotam em sua escrita. Sendo assim todo escritor é sujeito de seu tempo. Em tão ao analisar as representações sobre o feminino em São Bernardo de Graciliano Ramos podemos questionar que representações sobre a mulher a autor teve acesso para construir tais personagens.

Em seu romance Graciliano Ramos⁴ nos mostra mudanças no estatuto da mulher. A angústia da personagem Paulo Honório para com sua esposa Madalena, que segundo ele tinha um comportamento “desviante”. Não tinha apreço pelas atividades domésticas, não apresentava amabilidades para com seu filho, possuía aspirações comunistas, não tinha religião e ainda era “sabida”

O comportamento de Madalena incomodava seu esposo, ele não conseguia aceitar a instrução de sua esposa. Graciliano nos mostra em diversas passagens do enredo a dificuldade de Paulo Honório, sujeito tradicional, sem letramento para com sua esposa. A modernidade representada por Madalena entra em atrito com o atraso, a

¹ Possui Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

² Professor pós-doutor, Unidade Acadêmica de História e Geografia, Universidade Federal de Campina Grande.

³ Segundo romance de Graciliano Ramos, publicado em 1934.

⁴ Graciliano insere-se no chamado Movimento regionalista de 1930, o qual se apegava a temas regionalistas e tinha o Nordeste e os seus conflitos como espetáculos de exploração.

tradição, e os valores da dita sociedade patriarcalista⁵ pregados por Paulo Honório. Problematizaremos então as continuidades e ruptura presentes na narrativa no que toca o feminino. Graciliano no apresenta um olhar sobre o feminino que se dá através do outro, mas nem por isso ele deixa de atingir o próprio, a mulher.

Metodologia

O desenho metodológico deste trabalho se dá através da análise de textos literários como fontes históricas e o estudo das representações construídas na narrativa de Graciliano Ramos sobre o feminino. Nos preocupamos ainda em problematizar as sensibilidades do autor para com o contexto histórico que ele vivenciou e as representatividades construídas a partir deste.

O autor na construção de sua narrativa seja ela literária ou historiográfica deita na ponta do lápis o sangue de suas vivências, alimentando o corpo textual com sua subjetividade, mesmo o historiador mais empírico no momento de seu ofício inconscientemente, ou não, alimenta a carne do texto com suas experiências. Como coloca Pesavento “pensar nas sensibilidades, no caso, é não apenas mergulhar no estatuto do indivíduo e da subjetividade, das trajetórias de vida, enfim. É também lidar com a vida privada e com todas as suas nuances e formas de exteriorizar (ou esconder) sentimentos”⁶

No estudo das representações é preciso atentar para o interesse dos grupos que forjam determinados discurso, pois como destaca Chartier

As representações do mundo social construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

Pensar os interesses dos sujeitos que construíam e afirmavam para o feminino o lugar da obediência, e da restrição ao mundo doméstico de preferência a cozinha, ou

⁵ Termo empregado e conceituado por Gilberto Freyre, ao se referir a um conjunto de normas, valores, condutas de uma sociedade que via na figura do pai o sinônimo do mando e do medo, na tradição, do apego ao passado.

⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.p.59.

melhor um não lugar. É questionar a mudança na geografia da mulher, que busca seu espaço, batalha por um lugar visível e dizível. E Graciliano mostra a representação de Paulo Honório sob Madalena, mas ele apresenta uma mulher que não aceita as imposições do marido, não se rendendo a sua lógica da dominação. A trama deste romance nos coloca diante da mudança e da permanência, um embate entre o eu e o outro.

Discussão

De repente conheci que estava querendo bem a pequena. Precisamente ao contrário da mulher que eu andava imaginando - mas agradava-me como os diabos. Miudinha, fraquinha. D. Marcela era bichão. Uma peitaria, um pé-de-rabo, um toitiço!⁷

Madalena emerge na obra de Graciliano Ramos como o sujeito que desconstrói, que recria o ambiente, que provoca fissuras. É, ao mesmo tempo, forte e frágil, um misto de submissão e de provocações. Representa um tipo de feminino que ganha visibilidade nos anos 1930, caracterizado pela recepção aos novos valores urbanos, modernos, contemporâneos. Paulo Honório apresenta Madalena como um ser frágil, pequeno, miúdo, um ser que merecia cuidados, ou melhor, um ser que seria mais fácil controlar. Ao longo da narrativa Madalena vai sendo desvelada pelo olhar de Paulo Honório, que não consegue decifrar o enigma que acredita ser sua esposa. Madalena vem romper com o cenário que Paulo Honório tinha projetado, de início rompe com sua idealização de mulher, boa para casar e para parir, “bem comportada e mofina”. Atraído por Madalena, ele inicia seu projeto de aquisição da mesma.

Mas porque não espera mais um pouco? Para ser franca, não sinto amor.
– Ora essa! Se a senhora disse que sentia isso, eu não acreditava. E não gosto de gente que se apaixona e toma resoluções as cegas. Especialmente uma resolução como esta. Vamos marcar o dia.
– Não há pressa. Talvez daqui a um ano... Eu preciso preparar-me.
– Um ano? Negócio com prazo de ano não presta. Que é que falta? Um vestido branco faz-se em vinte quatro horas. (...)
– D. Glória, comunico-lhe que eu e sua sobrinha dentro de uma semana estaremos embirados. Para usar linguagem mais correta, vamos casar⁸.

⁷ RAMOS, Graciliano. São Bernardo. 79. ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2004.p.77.

⁸ RAMOS, Graciliano. 2004. *Op.cit.* p. 106-107.

O cenário minimamente projetado pelo narrador vem ser rompido por um novo sujeito. Após o casamento com Madalena, a narrativa toma outro rumo, como destaca Miranda:

Seu encontro com Madalena esfacela o controle e o domínio de si e do mundo tão ciosamente cultivados malogram: “os fatos mais insignificantes [avultam] em demasia”. Se no primeiro momento sua linguagem consegue manter-se nos limites de “exatidão e clareza”, no segundo, ela passa a ser contaminadas pelas “ciladas” e pelo “veneno” do vocabulário de Madalena.⁹

A linguagem, como já, é um aspecto relevante na escrita de Graciliano Ramos. Em São Bernardo, Paulo Honório apresenta esta dificuldade com a linguagem. Como discute Foucault o saber é gerador de poder, sendo assim quem detém o saber exerce de alguma forma poder sobre os outros. O saber de Madalena causa angústia em Paulo Honório, pois ele não detém o conhecimento. Aprendeu a ler no período em que ficou preso em uma pequena Bíblia¹⁰, o saber de Madalena era um saber sistematizado, adquirido em anos de Escola Normal¹¹, a linguagem culta de Madalena às vezes o deixava confuso, era mais um elemento que ele não conseguia controlar.

Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. Tenho visto algumas que recitam versos no teatro, fazem conferências e conduzem um marido ou coisa que o valha. Falam bonito no palco, mas intimamente, com as cortinas cerradas, dizem:

— Me auxilia, meu bem.

(...)

Madalena, propriamente, não era uma intelectual. Mas descuidava da religião, lia os telegramas estrangeiros.

E eu me retraía, murchava.¹²

Paulo Honório se retraía perante o saber de Madalena, mas um ponto chama atenção: qual o motivo do incômodo pela falta de religiosidade de Madalena? A Igreja servia como elemento normatizador de corpos e mentes, isso se dava não apenas pelos dogmas, mas pelos discursos religiosos que circulavam em conversas, em práticas cotidianas. A Igreja também agia a serviço do Estado que propagava a idéia da mulher

⁹ MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silvano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992. p.48-49.

¹⁰ RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 79. ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2004p.16

¹¹ Escola destinada a principio ao público feminino. O ensino deste tipo de escola era voltado para a preparação de professoras, concedendo as moças que ali ingressavam e concluíam seus estudos com bom aproveitamento a habilitação ao magistério.

¹² RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 79. ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2004.p158-159

como formadora da família, defensora cuidadora do lar. Madalena não demonstrava inclinações religiosas, muito menos interesse pelas atividades do lar, ela buscava um novo espaço, desejava romper com as idéias “atrasadas” de Paulo Honório, as rupturas difundidas pelos ideais modernos.

Paulo Honório se incomodava com a falta de religiosidade de Madalena, por esta não se enquadrar a esse ideal de mulher perfeita, afeita aos afazeres domésticos, pedagogizada pela doutrinação cristã. Em várias passagens, o narrador personagem relata a falta de amor e de cuidados de Madalena para com seu filho: “*se ela não quer bem ao filho!*”¹³, enquanto em nenhuma passagem do romance são relatadas demonstrações de carinho ou afetividade de Madalena, e o próprio Paulo Honório confessa não tinha afeições a seu filho. Se ele também não apresenta interesse no seu filho, desejando-o apenas para perpetuar seu nome e herdar seu “império”, porque o destaque na falta de sentimentos de Madalena? E porque muitos de nós, leitores, nos incomodamos com esta falta de amor para com a criança que tem sua própria identidade negada, sem sequer ser nomeado? O filho de Madalena e Paulo Honório representa o sujeito sem nome, sem vida, sem identidade.

Badinter¹⁴ discute como o mito do amor materno foi construído historicamente, revelando como ao longo do tempo a mulher adquire com a maternidade um *status* privilegiado. A “mulher mãe” ao adquirir a responsabilidade de cuidar dos filhos, ganha autoridade dentro do lar, poder este que antes só o pai possuía. A modernidade trará também uma importância para a mulher como formadora de cidadãos que, regidos pela moral e “bons costumes”, serviriam a pátria. É interessante destacar que o amor materno não é uma criação do final do século XVIII e início do XIX, mulheres de épocas anteriores podem ter tido este sentimento, mas a valorização deste sentimento, da figura da mulher como mãe, vão ser projetadas e difundidas neste período, onde ecoam os discursos médicos, a higienização dos corpos e mentes, e a busca por uma sociedade mais forte e saudável.

A modificação do olhar para com a criança também colabora para a construção deste ideal, pois o Estado passa a se preocupar com as crianças nos primeiros anos de vida, difundindo o discurso da responsabilidade da mãe no cuidar dos filhos,

¹³ RAMOS, Graciliano. 2004 op.cit.p.161.

¹⁴ Ver: BANDINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Elisabeth Badinter; Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

responsabilidade que antes era destinada às amas, que em sua maioria maltratava os pequenos. Sabendo que as mudanças culturais, os hábitos e costumes se modificam lentamente, e que nem todas as mulheres se sensibilizaram a estes discursos, podemos perceber porque estes tiveram uma veiculação tão intensa deste ideal de mulher e de amor materno.

O que no início foi uma forma de adquirir mais poder no seio da família, se volta para a mulher como um aprisionamento ao lar. Aquelas que não se enquadravam no ideal de mãe passam a ser julgadas pela sociedade não apenas como uma péssima mãe, como também tem sua imagem de mulher denegrida, o que dificultou, por exemplo, a inserção da mulher no mercado de trabalho. A indiferença materna, que antes não era questionada, passa a ser alvo de críticas da sociedade. Madalena passa então a ser questionada por não apresentar esse amor materno que tanto se idealiza em nossa sociedade. Mas o que seria esta maternidade? O ato de parir não implica em sentimento, muitas mulheres não sentem nenhum amor materno durante a gravidez ou quando o filho nasce, já outras não precisam gerar para se sentir mãe, o amor também é uma questão de sensibilidade de cada indivíduo¹⁵.

Mas afinal o que é ser moderno? Para Buriti¹⁶ é aceitar o novo mundo em suas rupturas, seus novos códigos sociais, as novas sensibilidades e afetividades, adquirindo assim aspectos diferentes que variam no tempo, ou seja, o que é moderno na década de 1930, não é mais em 2010. É importante perceber como os símbolos do moderno estão presentes na obra, os discursos sobre higienização, a instituição escolar, a justiça, o progresso entre outros, analisando como os discursos foram veiculados na sociedade de 1930 e como Graciliano os ordena em seu romance.

Como toda mudança de comportamento gera conflito, evidenciamos algumas diferenças que contraditoriamente se constrói na reflexão entre o moderno, a modernidade e modernização. Madalena é construída como defensora do discurso moderno, da inserção da mulher no mercado de trabalho, do direito à intelectualidade, do direito à escola, esta tida como uma instituição libertadora do sujeito entra em atrito com Paulo Honório, representante do discurso burguês e tradicional ao mesmo tempo.

¹⁵ Ver: BANDINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Elisabeth Bandinter; Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

¹⁶ Ver OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Façamos a família à nossa imagem: A construção dos conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30). Recife, UFPE, 2002.

Paulo Honório, quando se tratava de negócios era profundo defensor do progresso, tanto que empreendeu uma modernização em São Bernardo, instalou telefone, luz elétrica, maquinário, fez uma estrada, construiu escola – mesmo que por interesse político –, dividia o trabalho pela lógica capitalista e aproveitava o que pudesse render lucros em sua fazenda.

Paulo Honório era defensor da modernização, mudanças econômicas, avanços tecnológicos, predomínio da ciência, da razão, era um sujeito prático. Entretanto não aceitava o moderno, as novidades que Madalena discutia com Padilha, antigo proprietário de São Bernardo e professor da escola criada na fazenda para os filhos dos trabalhadores. Rejeitava as rupturas que este moderno travava com o antigo, com o tradicional principalmente no que toca aos códigos morais e familiares. Neste ponto ele era um representante da sociedade do mando, da figura masculina como centro de poder e de controle. Desejava a modernização, não a modernidade. Essa alternância entre o modernizado e o tradicional presente no sujeito, impulsionou toda narrativa e a teia discursiva que nela se construirá.

Conclusão

A partir do cenário aqui já exposto podemos concluir que as mudanças nas sensibilidades e sociabilidades para determinado objeto ou pessoa ,varia, no tempo e no espaço. Assim como as representações, que não são discursos neutros, sendo forjadas a partir de interesse. O nosso trabalho apresentou diversas construções sobre a relação feminino e masculino e sua expressividade no texto literário. Sendo assim destacamos ainda o embate entre a visão tradicional sobre o ser feminino, e o olhar mais aberto e independente que tentava se afirmar na sociedade brasileira da década de 1930.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Prefácio de Margareth Rago. – 4 ed.rev. – São Paulo: Cortez, 2009

BANDINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Elisabeth Bandinter; Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. **A operação historiográfica**. In: A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador conversações com Jean Lebrun**. Trad. Reginaldo Carmelo Corrêa de Moraes. UNESP, São Paulo.

_____. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. DIFEL, Editora Bestrand, 1990.

DÁVILA, Jerry. **Diploma da brancura: política social e racial no Brasil -1917-1945**. Trad. Cláudia Sant' Ana Martins. São Paulo: Editora UNESP, 2006

FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. 4. ed. Recife, Instituto Joaquim Nabuco/MEC, 1967.

MIRANDA, Wander Melo. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Publifolha, 2004. - (Folha explicativa)

_____. **Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silvano Santiago**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Façamos a família à nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30)**. Recife, 2002. 348 f. Tese (Doutorado em História)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História e História Cultural**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **História e Literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, 2006. Acesso em 29 de outubro de 2010.

_____. **Sensibilidades: Escrita e Leitura da Alma**. In: Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro. Record, 1982.

_____. **São Bernardo**. 79. ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SILVA, Cristiano Cezar Gomes da. **Espelhos da História na escritura de Graciliano Ramos: Os múltiplos sentidos do discurso na cena político literária**; João Pessoa; Programa de Pós-Graduação em Letras/CFCHA; 2011.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **Como estava triste o céu: marcas da solidão, angústia e ética da responsabilidade em Graciliano Ramos**; Campina Grande; Programa de pós-graduação em História, UFCG. 2011.

SOUZA, Cristiane Maria Praxedes. **Os fios literários e a tessitura nordestina: o discurso regional em vidas secas, de Graciliano Ramos**. Santa Cruz-RN, 2003.